

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA: UM DIÁLOGO COM A TRADIÇÃO

Manoel Freire Rodrigues
UERM/CAMEAM

O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* é narrado em terceira pessoa, por um narrador observador que não participa da história como personagem, característica típica do romance realista, em que o distanciamento do narrador em relação aos fatos narrados permite-lhe "ver e analisar melhor" os episódios e personagens, passando a impressão de neutralidade, como pedia a escola realista. Essa neutralidade no caso do narrador do *Triste fim...* é falsa, uma vez que toma posição em favor do herói. Há momentos em que a adesão é tal que quase não se distinguem os discursos de um e outro. Mas o que se pode destacar como particular e novo na feição do narrador de *Policarpo Quaresma* é a natureza da matéria narrada. Neste romance, como em outros do autor, vamos encontrar como matéria estruturante do enredo um mundo ainda não experimentado pela literatura brasileira até então, ou seja, a vida dos subúrbios cariocas.

A propósito do diálogo do *Triste fim de Policarpo Quaresma*¹ com a tradição, e particularmente no que diz respeito à vida dos subúrbios como matéria da obra de ficção, cabe lembrar aqui Machado de Assis, que, se nos seus romances e contos retratou a vida urbana carioca, principalmente das regiões por onde transitava a alta sociedade da época, não deixou de, num dos seus últimos romances, evocar a história dos subúrbios: *Vamos à "História dos Subúrbios"*². Essa é a história que ele não contou, mas seria contada por um outro mulato, de origem um tanto parecida, mas de uma vida bem diferente e de uma obra também muito diferente, embora com alguns pontos de aproximação.

¹ BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edición crítica, Antonio Houaiss y Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordinadores. 1ª. Edición Madrid; Paris; Mexico; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago do Chile: ALLCA XX, 1997. (Archivos, 30) O estudo teve como base esta edição e todas as citações da obra se referem a ela. Desse modo, não será feita mais a referência completa mas apenas *Triste fim...*, seguida do número da página, quando for o caso.

² ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Globo, 1997. p. 217. (Obras Completas de Machado) de Assis

O romance é composto de três partes, e em cada uma delas compreende a atuação do herói em uma dada esfera do conhecimento e da cultura em busca de reformar a pátria, o que ele faz com todo vigor e empenho, orientado pelo seu nacionalismo ingênuo e xenófobo.

Analisar a narrativa é seguir os passos do Major Quaresma e compreender o universo que o cerca, estando aí incluídos tanto os outros personagens como os ambientes físicos e sociais que os comportam. A trajetória de Policarpo é o que dá o sentido mais imediato à obra por ser ele o personagem central, o que faz com que tudo no livro gire em torno dele. Mas em oposição a Quaresma giram outros figurantes cuja participação constitui elemento estrutural importante da economia do livro, que tem como elemento estruturante o contraste que se estabelece entre Quaresma e os demais personagens, cujas posições realçam as atitudes do protagonista como figura destoante do seu meio.

Toda a trajetória de Policarpo Quaresma é orientada por um sentimento, o patriotismo. É esse sentimento que inspira seus projetos e lhe traz as decepções que vai colhendo ao longo de sua vida, que foi toda ela dedicada à pátria, à busca de "remédios" para melhorá-la, o que foi feito por tentativas diversas, sendo todas elas em vão. Todas as ações da personagem são empreendidas no sentido de construir uma pátria livre e soberana. Essa busca, no entanto, faz-se pelos caminhos mais tortuosos, e tem sempre como desfecho o fracasso do herói. Depois de ter todos os seus projetos fracassados, Quaresma sofre a decepção maior na sua pátria: é condenado à morte sob a acusação de tê-la traído, ele que nada fizera na toda vida senão trabalhar e lutar pelo seu engrandecimento.

Um elemento importante do romance é a biblioteca de Policarpo Quaresma. Sua importância reside no fato de que é a partir dela que se desencadeiam todos os atos do personagem, uma vez que suas atitudes são orientadas pelo nacionalismo e patriotismo, sentimentos que são gerados e nutridos no espaço da biblioteca, onde o personagem passa a

maior parte de sua vida. Seu nacionalismo resulta, portanto, de longos anos de leituras e estudos sobre as coisas do Brasil, e é no silêncio de sua biblioteca que fortalece seu amor pelas coisas da pátria. A biblioteca é um templo da religião nacionalista:

Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da *Prosopopéia*, o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros.

De História do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gandavo; e Rocha Pita, Frei Vicente de Salvador, Armitage, Aires do Casal, Pereira de Silva, Handermann (*Geschichte von Brasilien*), Melo Moraes, Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagem, além de outros mais raros e menos famosos.³

É interessante observar o diálogo que o autor estabelece com a literatura e com a tradição através da caracterização da biblioteca de Policarpo Quaresma. Trata-se de um olhar distanciado, de uma leitura crítica da cultura brasileira, não apenas na sua literatura, no sentido mais convencional, mas de toda a história brasileira elaborada por literatos, cronistas e historiadores desde que chegaram os portugueses por aqui. E as referências não são gratuitas, pois o autor molda seu personagem como uma encarnação do espírito que presidia esses escritos. Nos cronistas, esses os primeiros a escrever sobre a terra brasileira, se o Major não encontrou já o sentimento da nacionalidade, encontrou o deslumbramento do europeu sedento de riquezas na terra recém "descoberta", com seus grandes rios e florestas esplêndidas, povoada por selvagens "incultos". É nesses autores que o ingênuo Quaresma adquire sua convicção de que a sua pátria possui as terras mais férteis do mundo, os climas mais amenos e propícios para o plantio, os maiores rios do mundo, enfim a visão do "paraíso terreal"⁴, que tanto vai alimentar o nacionalismo dos românticos, em quem o Major vai nutrir o seu amor e orgulho pela pátria.

³ *Triste fim...* p.13.

⁴ BUERQUE, Sérgio de Holanda. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

É guiado pelo patriotismo e pelo nacionalismo que Policarpo Quaresma vai mover-se no sentido de realizar seus projetos de engrandecimento da pátria. Passara muito tempo envolvido só em estudar sua pátria nos seus múltiplos aspectos, até chegar à "certeza" de que conhecia bem e sabia quais os remédios a serem aplicados para a sua melhoria.

A primeira atitude estranha de Quaresma a chamar a atenção da vizinhança foi sua tentativa de aprender a tocar violão. Isso foi recebido pelos seus vizinhos suburbanos com espanto, pois tinham em alta consideração e respeito o Major Quaresma, pois era um senhor honesto, de grande erudição, além de sua condição social, bem acima da média dos subúrbios. E um homem na sua idade, nas suas condições, com a sua instrução, causava estranheza que passasse a se envolver com o violão, instrumento desclassificado, usado apenas por gente de baixa extração social, por boêmios e seresteiros, instrumento que se via nas mãos de escravos, daí o seu baixo conceito. Portanto, não faltavam as razões para Quaresma causar surpresa aos seus vizinhos: *Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança. Um violão em casa tão respeitável! Que seria?*⁵

Mas na verdade interesse do Major pelo violão era de natureza exclusivamente patriótica, como aliás eram todas as suas atividades, voltadas todas elas para o seu projeto de engrandecer a pátria. Sua decisão de aprender a tocar o instrumento não era um simples capricho pessoal nem tampouco revelava alguma tendência sua para a vida boêmia, mas resultava de uma descoberta, aliás de uma das várias descobertas que o velho estudioso fizera a respeito dos costumes e das tradições da cultura brasileira. É que Policarpo Quaresma descobriu nos seus estudos patrióticos que *A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede.*⁶

Como em muitos outros dos seus atos, a atitude de Policarpo em face da modinha é equivocada e revela sua ingenuidade acerca das tradições culturais brasileiras. A crença do

⁵ *Triste fim* ..., p.10.

⁶ *Triste fim*..., p. 12.

Major de que a modinha é a "expressão da alma nacional" não passa de um engano do velho patriota, pelo menos nos termos em que ele concebia o elemento nacional. Sabe-se que para Quaresma seria nacional tudo aquilo que tivesse sua origem no território brasileiro, que não tivesse vindo de terras ou culturas estrangeiras, pois o Major pretendia uma cultura *nacional por subtração*,⁷ ou seja, desejava reconstruir a pátria e a cultura nacional pela supressão de tudo que fosse estrangeiro ou que tivesse origem na cultura estrangeira. É esse o caso da modinha, que, embora seja considerada um gênero de música brasileiro, é de origem européia, ou mais precisamente dos países ibéricos, e certamente chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses.⁸

A ida de Quaresma e Albernaz à casa da "preta velha" Maria Rita em busca das cantigas da tradição do folclore nacional acaba em frustração, mas como Quaresma era tenaz no seu patriotismo, já havia estudado e meditado sobre a pátria e estava disposto a grandes atos no intuito de engrandecê-la, sentindo a necessidade e a urgência de "desenvolver o culto das tradições" para não deixar morrer a memória da pátria, logo toma nova iniciativa. Sabendo, por meio de Cavalcante, da existência de um velho literato, *teimoso cultivador dos contos e canções populares do Brasil*,⁹ foi até lá com o general Albernaz. Esse é um dos episódios mais cômicos do livro, desde a estada dos visitantes na casa do velho poeta, pelas peças que ele mostra aos visitantes como sendo as "preciosidades do nosso folclore", até o resultado, que quase termina em tragédia na casa do general.

O "Tangolomango" é o número folclórico que os dois senhores trazem do encontro com o velho poeta para apresentarem na festa de Albernaz. O Major Quaresma, cheio de entusiasmo pelo folclore nacional, é quem faz o "Tangolomango", e para isso veste uma

⁷ SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração: In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 29-48.

⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. p. 583.

⁹ *Triste fim ...*, p. 32.

casaca do general e usa uma máscara, o que resulta numa cena em que a comicidade é patética. A ironia fica por conta do fato de que Quaresma sofre um desmaio por asfixia, cai no chão e para acordar é preciso tomar umas "sacudidelas", o que parece ser uma premonição do prêmio que lhe daria a pátria pelo seu esforço para engrandecê-la. Entretanto, o fato não chega a decepcioná-lo. Sua decepção vem depois e é de outra natureza que não o castigo físico. O Major descobriu que quase todas as nossas *tradições e canções eram estrangeiras*.¹⁰

O nacionalismo do Major Quaresma ultrapassa todos os limites da racionalidade. No seu propósito de reformar o país, dotando-o de uma cultura original, a ação mais notável, tanto pela sua radicalidade como pela ingenuidade de sua concepção é o envio de um requerimento ao Congresso Nacional pedindo a substituição da língua portuguesa pelo tupi-guarani como língua oficial do Brasil. Esse episódio, ao expor Quaresma ao ridículo pela sua atitude extravagante e absurda para a situação (pois tratava-se de um projeto irrealizável), constitui uma crítica ao pensamento de alguns setores da intelectualidade brasileira, cuja origem remete aos escritos ufanistas que celebram as grandezas e belezas da terra e da cultura brasileiras, que compreendem desde os relatos dos primeiros cronistas aos escritores românticos. Trata-se do nativismo e do indianismo dos românticos, em que se sobrevaloriza a terra e seus elementos nativos, em particular a cultura aborígine. Cabe ressaltar que esse indianismo - o de Quaresma - é diferente do indianismo de José de Alencar, pois este valoriza no gentio não os traços que lhe são próprios e verdadeiros, mas aqueles que levam à sua passividade ao domínio do colonizador português e à facilidade de adaptação à cultura deste último, como se vê nos romances *Iracema* e *O guarani*, obras paradigmáticas do indianismo alencarino.

Logo que sai do hospício - a decepção de Policarpo com o episódio do requerimento o leva ao hospício - o major Quaresma deixa a cidade e seu emprego na Secretaria de Guerra,

¹⁰ *Triste fim...*, p. 36.

de onde se aposenta, e vai morar no campo. Desiludido do seu projeto de reformar os costumes, mudar a língua e resgatar as tradições nacionais, emprega agora seu empenho no sentido de engrandecer a pátria através da agricultura, sua grande esperança, plano que também se alicerça em idéias ufanistas, fruto ainda de seus longos anos de estudo e reclusão em sua biblioteca nacionalista.

O nome do sítio comprado por Quaresma para viver e executar seu grande projeto de reconstrução da pátria através da agricultura, quando posto no contexto dos acontecimentos narrados, traz em si uma fina ironia: "O Sossego" é o nome do lugar, onde Policarpo pretendia viver em paz consigo mesmo e com a pátria, mas é onde jamais encontra o sossego desejado. A atitude crítica aí reside principalmente no fato de que o autor elabora por esse recurso o contra-discurso nacionalista, o qual orienta o pensamento e as atitudes do personagem que, nos seus sucessivos fracassos, acaba por negá-lo. O nacionalismo em *Triste fim...* é visto por Silviano Santiago nessa perspectiva, observando o crítico que o romance apresenta o discurso nacionalista e sua negação.¹¹ O autor aborda o patriotismo do personagem na sua "versão rural", ou, melhor dizendo, de acordo com o mito romântico da vida paradisíaca do campo.

O fato de o major Quaresma estar no seu "Sossego", à noite, e vir a ser incomodado pelas saúvas já é bastante irônico, uma vez que a cena vem desacreditar o próprio nome do lugar, tirando-lhe a aura da placidez e da tranqüilidade. Mas outros aspectos acentuam ainda mais a ironia, extravasando para o cômico. Neste sentido é significativo o fato de que Quaresma, quando é surpreendido pelas formigas, estava a *ler um velho elogio das riquezas e opulências do Brasil* e, ouvindo a orquestra dos sapos, lembra-se de um sábio, que cultivava aquele hábito, ao mesmo tempo que imagina, com bastante convicção, *que tudo na nossa terra é extraordinário!*

¹¹ SANTIAGO, Silviano. Uma ferroada no peito do pé. In: *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 163-181

Vale ressaltar que outro texto importante da literatura brasileira, o *Macunaíma*, de Mário de Andrade, fala repetidamente das saúvas como um dos males do Brasil, constituindo uma "intertextualidade" que, de certa forma, configura um diálogo entre as diferentes obras de uma mesma tradição literária. O fato de o *Macunaíma* ter surgido depois não invalida a proposta, uma vez que a tradição não deve ser vista apenas enquanto passado, mas também como continuação e reelaboração desse passado, que é aliás o que esses dois romances fazem, embora em perspectivas diferentes, mas pelo menos com um traço comum: a leitura crítica da tradição.

Outro aspecto importante na obra, ainda referente à vida rural de Quaresma, é a relação do homem brasileiro com o conhecimento e a ciência, particularmente o homem do campo. Sabe-se que o major Quaresma adquire alguns instrumentos técnicos para usar em sua agricultura, porém logo os abandona, não tendo encontrado jeito de usá-los adequadamente, fato que revela seu despreparo para lidar com o conhecimento científico. Isso não deixa de ser irônico, uma vez que ele, pelo menos aparentemente, representaria o tipo do homem mais preparado para lidar com o conhecimento, já que se tratava de um intelectual, de um estudioso, que passava a maior parte de seu tempo dedicado aos livros.

O fato de Policarpo Quaresma ser um homem bastante dado aos livros, considerado um erudito dentro do seu pequeno mundo (o subúrbio do Rio de Janeiro) evoca um aspecto importante da cultura brasileira, que deita raízes na velha tradição ibérica. Trata-se do demasiado prestígio dado ao saber livresco, à retórica e ao falatório pomposo, elemento próprio de uma cultura bacharelesca, pautada sobretudo nos símbolos e distintivos exteriores, muito mais do que na própria substância do saber e sua aplicação prática, o que tem marcado profundamente a tradição brasileira, conforme assinala Sérgio Buarque de Holanda:

Ainda quando se punham a legiferar ou a cuidar de organização e coisas práticas, os nossos homens de idéias eram, em geral, puros homens de palavras e livros; não saíam de si mesmos, de seus sonhos

e suas imaginações. Tudo assim conspirava para a fabricação de uma realidade artificiosa e livresca, onde nossa vida verdadeira vivia asfixiada. Comparsas desatentos do mundo que habitávamos, quisemos criar um mundo mais dócil aos nossos desejos ou devaneios.¹²

A forma canhestra com que o major Quaresma lidava com os instrumentos adquiridos, chegando a abandoná-los, revela que naquele seu mundo não havia ainda uma tradição do uso prático do conhecimento, o que nos faz deduzir que o discurso científico ali era falso, apenas de fachada. O contraste que se produz na situação é patético: um homem ilustrado, que cultiva o saber e a ciência, abandona os instrumentos que dariam uma base científica para sua lavoura. No conjunto o episódio configura uma crítica à mentalidade cientificista dominante no Brasil da época, cuja expressão literária mais acabada fora o romance naturalista.

Ainda no que diz respeito à vida agrícola de Quaresma, é relevante considerar no romance a visão de Olga, sua afilhada, que é aliás o único discurso crítico do romance, conforme observa Arnoni Prado.¹³ A impressão de Olga sobre o campo e seus moradores é de um cenário desolador, que imprime um pessimismo atroz a quem quer que examine aquele meio. Os termos usados são apropriados para pintar um quadro sinistro, muito diverso daquele que se imaginava (a personagem) que existisse no campo. Impressionou a moça a *miséria geral* daquela gente, que resultava por sua vez da *falta de cultivo*, o que ninguém esperaria encontrar. Ou seja, a experiência de Policarpo Quaresma no campo, assim como o quadro de miséria daquela gente, que impressionou a visão de Olga, não corresponde aos discursos ufanistas impressos nos livros de Quaresma, que são parte de uma longa tradição que precisa ser discutida, e nisso o romance em estudo cumpre seu papel.

¹² *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. .p. 163.

¹³ PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976.